



Observatório de Política Externa Brasileira

– Informe de Política Externa Brasileira – Nº 50 Março – 2014

O Observatório de Política Externa Brasileira (OPEB) é um projeto de informação temático executado pelo Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES), do Centro de Estudos Latino-americanos (CELA) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Franca.

Em seu Informe mensal, o Observatório de Política Externa Brasileira destina-se a analisar a cobertura dada pelas revistas semanais *Veja*, *Carta Capital* e pelos jornais *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo e Zero Hora*, mais especificamente pelos seus editoriais. Partindo-se do princípio de que esses veículos são formadores de opinião pública e representantes de posicionamentos político-ideológicos distintos, justifica-se verificar qual a visão que divulgam a respeito das ações do governo brasileiro no que tange a sua política externa. A metodologia utilizada para a realização dessa análise será a leitura minuciosa das reportagens e posterior cotejamento das mesmas a fim de identificar as diferentes percepções dessa política de Estado. Em um segundo momento, uma breve análise da conduta brasileira no âmbito internacional será feita à luz das Relações Internacionais.

Em 2009, o OPEB ganhou prêmio de melhor projeto de extensão na área das Humanidades no V Congresso de Extensão Universitária da UNESP e em 2011 ficou em 3º lugar na sexta versão do mesmo Congresso.

Equipe de redação e revisão:

Coordenação: Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias;

Doutorando em Relações Internacionais, Política Internacional e Resolução de Conflitos (Universidade de Coimbra)/ Mestre em História (Unesp/Franca): Tiago Pedro Vales;

Mestrandos em Relações Internacionais (San Tiago Dantas – Unesp/Unicamp/PUC-SP): Camila Cristina Ribeiro Luis (bolsista CAPES); Raphael Camargo Lima (bolsista CAPES);

Graduados em Relações Internacionais pela UNESP/ Franca: José Augusto Zague

Graduandos em Relações Internacionais pela UNESP/ Franca: Giovanna Ayres, Livia Peres Milani



Observatório de Política Externa Brasileira

Ao longo do mês de março os periódicos analisados não trataram de temas muito diferentes do que vinham abordando em meses anteriores. Tratou-se da atuação do Brasil na crise na Venezuela, do papel da integração regional na política industrial brasileira, da atuação brasileira na crise da Ucrânia, e de relações bilaterais (Brasil-Europa, Brasil-Argentina e Brasil-Cuba).

Crise política na Venezuela: atuação da política externa do Brasil e da Unasul

Durante o mês de março, um dos temas mais destacados pelos periódicos analisados por este observatório foi a posição do Brasil frente à crise da Venezuela. Com exceção do *Correio Braziliense*, as posições dos jornais e da revista *Veja* foram de crítica à posição brasileira e à decisão de que o assunto deveria ser discutido no âmbito da Unasul, e não da Organização dos Estados Americanos (OEA).

O *Globo* foi o periódico que mais se posicionou com relação ao assunto. Publicou três editoriais referentes ao tema, nos quais criticou explicitamente a posição brasileira e a atuação da Unasul.

No dia 12 de março, o jornal defendeu que a situação venezuelana preocupa o continente, apesar de os países aliados do chavismo terem impedido a atuação da OEA e levado a discussão para a Unasul. De acordo com o periódico, é pouco provável que a Unasul condene o governo de Maduro pelas violações dos direitos humanos e por não conversar com a oposição. Para o jornal, a Unasul, liderada pelo Brasil e pelas outras democracias da região, deveria pressionar Maduro a dialogar com a oposição. O *Globo* concluiu que, na ausência disso, a Unasul pode ser cúmplice de uma tragédia na Venezuela.

No dia 14 de março, após a reunião da Unasul, o *Globo* defendeu que a comissão criada pelo bloco seria apenas um jogo da cena diplomática para que Maduro tenha tempo de sufocar as manifestações. Para o periódico, a posição da Unasul seria de apoio a Maduro e não poderia ser diferente, pois o bloco teria sido criado com uma essência de chavismo. Nas palavras do jornal, a Unasul seria fruto de uma *fertilização in vitro* do chavismo com o lulopetismo e teria sido criada para ser uma OEA sem a presença dos Estados Unidos. O jornal ainda aponta que a Unasul seria a expressão continental da visão chavista e do lulopetismo de que é imprescindível se afastar dos Estados Unidos e buscar o eixo diplomático e comercial Sul-Sul. O jornal concluiu que o Brasil herdará um passivo político-diplomático por liderar um movimento de proteção a um regime não democrático, e que usa a proteção da Unasul para promover a violência.

No dia 27, o jornal citou a postura brasileira acerca das prisões de opositores. O periódico criticou o Brasil ao citar um artigo publicado pelo opositor Leonardo López, argumentando que muitos líderes América Latina sofreram abusos similares quando presos pelas ditaduras na



Observatório de Política Externa Brasileira

região, e que não deveriam ser cúmplices silenciosos dos abusos atuais. Na visão de *O Globo*, a frase aplica-se à presidente Dilma Rousseff.

Já o *Estado de S. Paulo* abordou o tema em dois editoriais diferentes e, assim como *O Globo*, fez duras críticas à posição brasileira, além de defender que a atuação da Unasul não seria suficientemente forte, por não condenar o regime de Maduro. Em editorial publicado no dia 9 de março, o periódico criticou o enviado brasileiro a Venezuela, Marco Aurélio Garcia, assessor especial da Presidência para Assuntos Internacionais, pois declarou em entrevista que há uma exploração midiática da situação. Para o jornal, o governo petista segue a estratégia de desmerecer os protestos contra o chavismo, o que ficou patente na nota apoiada pelo Brasil e distribuída pelo Mercosul.

No dia 13 de março, *O Estado de S. Paulo* argumentou que o Brasil estaria sendo cúmplice de regimes autoritários na América Latina pois, além de reverenciar o regime cubano, trabalha para legitimar atos criminosos de Maduro, conforme definiu o jornal. O periódico criticou a posição brasileira de se opor à atuação da OEA e defender o envolvimento da Unasul. Segundo *O Estado de S. Paulo*, o Brasil não estaria honrando a tradição do Itamaraty de cobrar o respeito aos direitos humanos e à democracia, e teria tornado improdutiva a única iniciativa capaz de repreender o governo de Maduro, através da OEA. O Brasil teria agido contaminado por ares bolivarianos e acreditando que a OEA seria um mecanismo do imperialismo dos EUA. O jornal ainda criticou fortemente a convocação de uma reunião da Unasul, a qual classificou como um passo escandaloso e qualificou o bloco como um instrumento dos governos bolivarianos, desimportante e cuja única utilidade seria dar respaldo a governos não democráticos. O jornal ainda defendeu que o envio de uma comissão da Unasul para a Venezuela tem como finalidade única legitimar o governo de Maduro. O jornal concluiu afirmando que o Brasil está tratando a situação de maneira leviana e está tornando-se corresponsável pela consolidação de um regime delinquente.

A revista *Veja* adotou uma postura similar à dos jornais e expressou-se via três reportagens sobre o tema no mês de março. No dia 5 março, a revista criticou a presidente brasileira, Dilma Rousseff por ter afirmado que não cabe ao Brasil interferir nos assuntos internos venezuelanos. A revista contestou este argumento ao defender que o Brasil utiliza a intervenção na política interna de outros países quando é conveniente ao governo, como foi o caso da suspensão do Paraguai do Mercosul. A *Veja* ainda acrescentou que o Brasil deveria alertar a comunidade internacional para os abusos que ocorrem na repressão dos protestos na Venezuela.

Já no dia 19, na seção Carta ao Leitor, o periódico afirmou que Rousseff finge não estar vendo a repressão aos protestos e perdeu uma oportunidade de mostrar que a esquerda consegue pautar sua posição por princípios e não por conveniência. A *Veja* ainda acrescentou que a presidente tem o dever moral de pressionar o governo venezuelano para que deixe de torturar e matar jovens opositores.



Observatório de Política Externa Brasileira

Em reportagem publicada no mesmo dia, a *Veja* argumentou que a atuação da Unasul seria parcial, pois o bloco teria sido criado por Hugo Chávez e seria dominado por bolivarianos. Assim, a melhor solução seria o Brasil defender a liberdade de protestos, de expressão e os direitos humanos.

A única posição divergente foi a do *Correio Braziliense*, que, em editorial publicado no dia 11 de março, comentou os protestos e defendeu que o Mercosul deve ter o papel de intermediador entre governo e oposição. Para o *Correio Braziliense* os países do Mercosul, especialmente o Brasil, deveriam oferecer o papel de facilitador para evitar o aumento da degeneração econômica e política do país.

Com relação a esse tema, é interessante notar que a mídia tem o comentado bastante, a exceção foi a revista Carta Capital, que não dedicou nenhuma reportagem à questão durante o mês de março.

No que se refere às posições de O Estado de S. Paulo, de O Globo e da Veja percebe-se que há oposição explícita a organismos regionais que excluam os Estados Unidos. Observa-se uma imbricação automática entre “ideologias” – entendidas como lulopetismo e bolivarianismo – e a Unasul. Por isso, os três veículos em questão questionam a neutralidade da organização em sua tomada de decisão. Entende-se que, por se tratarem de países sul-americanos, haverá apoio do regime de Nicolás Maduro e não haveria crítica às violações de direitos humanos.

*Há uma inconsistência interessante na análise que os três periódicos, em especial a *Veja* e O Estado de S. Paulo, fazem da Unasul. Primeiramente, é importante destacar que a criação do bloco não proveio de esforços de Hugo Chávez, mas sim da diplomacia brasileira. Ainda em 2000, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, o Brasil convocou a I Reunião de Chefes de Estado da América do Sul, e, a partir de 2003, intensificou os esforços para a criação de um bloco político sul-americano. O resultado foi a construção da Comunidade das Nações Sul-Americanas (Casa), em 2004, e sua mudança para Unasul, em 2008.*

O modelo de integração liderado por Hugo Chávez foi a Alternativa Bolivariana para as Américas (Alba), criada em 2004. É interessante notar que, para esses veículos de mídia, a presença da Venezuela no bloco levaria, automaticamente, a decisões enviesadas do bloco. Da mesma forma, a empatia de visões dos países da região e da Venezuela também culminaria na defesa de Nicolás Maduro. Ademais, percebe-se que os periódicos valorizam as relações com os países do Norte e opõe-se à estratégia da Unasul de buscar resolver os problemas regionais de maneira autônoma, sem o envolvimento dos Estados Unidos.

*O *Correio Braziliense* diferiu significativamente dos outros três jornais. O jornal admitiu e incentivou a possibilidade de o Brasil e a Unasul atuarem como mediadores do diálogo entre o governo venezuelano e a oposição. Diálogo esse pouco aceito pelos outros jornais que defendiam a repressão de Nicolás Maduro.*



Observatório de Política Externa Brasileira

Crise Rússia-Ucrânia: atuação da política externa brasileira

No que concerne à crise entre Ucrânia e Rússia e a anexação do território da Crimeia à Federação Russa, o jornal *O Globo* e a revista *Carta Capital* comentaram a questão. Em editorial publicado no dia 29 de março, o jornal criticou a posição brasileira, que entendeu como uma omissão com explicações ideológicas resultantes da influência daquilo que o Jornal considera como lulopetismo na política externa nacional. O diário comparou o posicionamento sobre a Rússia à atuação brasileira na Venezuela, ao afirmar que o chanceler brasileiro, Luiz Alberto Figueiredo, minimiza as denúncias sobre violações dos direitos humanos. A decisão de abster-se na votação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas sobre a questão da Ucrânia também foi alvo de críticas, pois o jornal considerou que a anexação russa da Crimeia não respeitou as normas e convenções internacionais. Na visão de *O Globo*, a política proclamada por Lula e pelo PT, guiada pela concepção Sul-Sul e em oposição à hegemonia estadunidense, retoma a década de 70. O periódico afirmou que, para o Brasil, ao se opor a Washington, a Rússia é bem vinda, apesar de não se localizar no Sul geográfico. O jornal concluiu que o Brasil sacrificou anos de uma política externa profissional e respeitada por opções ideológicas discutíveis.

A revista *Carta Capital*, por sua vez, interpretou o silêncio brasileiro de outra forma. Em matéria publicada na edição do dia 26 de março, o periódico comentou que as ações da Rússia na anexação da Crimeia mostraram a clara e irreversível fenda no sistema internacional. De um lado, as grandes potências econômicas do G-8 optaram por suspender a Rússia e impor sanções econômicas. De outro, nenhum país dos BRICS condenou a anexação e o Brasil, por ordem de Dilma Rousseff, não comentou a questão.

A despeito de o editorial de O Globo e a reportagem de Carta Capital terem focos diferentes, pode-se notar diferenças de estilo significativas no trato da atuação da política externa brasileira na crise na Ucrânia.

O Globo preferiu buscar explicações para a omissão brasileira no caráter ideológico da política externa. Para o jornal, o processo decisório de política externa parece ter o foco, principalmente, nas escolhas do PT que visam criar uma oposição explícita aos EUA remontando a agenda de crítica da divisão Norte-Sul dos anos 1970. Em outras palavras, o jornal classifica a abstenção como resultado da extrema politização da política externa brasileira, influenciada pelo que classifica como lulopetismo.

A Carta Capital, por sua vez, faz apenas uma consideração breve sobre a questão em uma reportagem com foco na crise russa. Apesar de breve, é interessante notar as diferenças no nível de análise. Enquanto O Globo ressalta o plano interno como o elemento de maior influência sobre a decisão da abstenção brasileira, a Carta Capital destaca a divisão entre os centros de poder global no que concerne à questão da Crimeia. Para a revista, não há consenso sobre a abordagem correta e, por isso, os países emergentes não



Observatório de Política Externa Brasileira

estaria posicionando-se. Para a revista, o nível de análise mais influente seria o sistêmico e não apenas o interno.

Comércio Exterior e Política Industrial

No que se refere à temática do comércio exterior brasileiro e da política industrial do Brasil, apenas *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* posicionaram-se. Entre os dois jornais foi consensual a defesa da posição de que o Brasil deveria nortear seu comércio para parceiros dos grandes países industrializados, como Estados Unidos e União Europeia, rompendo com blocos como o Mercosul ou os Brics.

No dia 20 de março, o *Estado de S. Paulo* publicou editorial comentando os resultados do levantamento da Conferência Nacional da Indústria (CNI) que apontaram o valor recorde de importados no mercado nacional de bens industriais desde 1996, na cifra de 22,3%. Para o periódico, se houvesse maior integração do Brasil à economia global e política de abertura econômica mais ampla, um índice até maior seria aceitável. Porém, o jornal defendeu que a contrapartida desse alto valor foi uma perda de espaço no mercado internacional, devido às políticas imprudentes e ideologicamente ingênuas adotadas desde o governo Lula da Silva.

O periódico apontou que o relatório significou o fiasco da política industrial voltada para o protecionismo e na seleção de setores beneficiados ao invés da promoção de inovação e ganhos de eficiência, e que uma ação conjunta com os Brics, como sugere a própria CNI, seria uma perda de tempo, pois o grupo teria poucos interesses comuns na área comercial.

No que concerne às escolhas da política externa brasileira, *O Estado de S. Paulo* defendeu que o Brasil deu prioridade para um Mercosul estagnado, para a Rodada Doha e para os emergentes ao invés de integrar-se a acordos birregionais e bilaterais com Estados Unidos e União Europeia (UE). Para o jornal, caso o acordo entre os EUA e a UE seja celebrado, a situação brasileira e dos emergentes piorará.

A *Folha de S. Paulo*, no dia 31 de março, seguiu a mesma linha de pensamento. Para o jornal, o Brasil se apresenta como apresenta uma anomalia quando comparado a outros países, por qualquer critério, representada pelo fechamento ao comércio exterior e pela falta de integração às maiores cadeias de produção globais. O jornal entende que a inovação e o desenvolvimento de tecnologia pode vir com a alavanca da integração regional, por isso, defendeu que o Brasil rompesse com o Mercosul, mas sem abandonar a construção de um centro competitivo na América Latina. A *Folha de S. Paulo* considerou uma ilusão o Brasil seguir o caminho de câmbio valorizado, de aumento das importações, de aumento das tarifas e de isolamento das empresas à concorrência internacional, para defender o mercado interno.

Para tanto, no que se refere às escolhas de política externa comercial, a *Folha de S. Paulo* entende que o Brasil precisa sair do imobilismo e, para tal,



Observatório de Política Externa Brasileira

deveria romper com o Mercosul, mas sem abandonar a construção de um centro competitivo na América Latina, além de uma maior aproximação com a Europa.

A crítica da política industrial do Brasil e a do Mercosul é consenso entre O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo. Para ambos, o Brasil tem adotado uma política econômica que não prioriza sua integração nos grandes mercados globais. Ao se tratar de integração regional, o principal fator de análise dos dois jornais é a economia e os ganhos imediatos para o país. Ambos defendem, portanto, integração regional de caráter comercial e instrumental para a política econômica brasileira, ou seja, que produzam ganhos comerciais imediatos para os industriais brasileiros.

Recorrentemente nos jornais, o Mercosul é tratado apenas como integração de caráter econômico. Por isso, ao serem observados os prejuízos de curto prazo no relacionamento com a Argentina, admite-se que o bloco não tem mais servido ao seu propósito primário. Contudo, desde o final dos anos 1990 e meados dos anos 2000 que o bloco tem desenvolvido diversas novas frentes de cooperação, como, por exemplo, o Parlamento do Mercosul (Parlasul) - que visa aprofundar o componente político -, o Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (Focem) - que logra reduzir as assimetrias entre os membros via projetos de financiamento de infraestrutura.

Ambos os periódicos destacam o papel da inovação tecnológica no desenvolvimento econômico e lamentam o reduzido índice brasileiro. Porém, divergem quanto à capacidade da integração com a América Latina produzir resultados nesse campo. Enquanto a Folha de S. Paulo entende que se pode utilizar da região instrumentalmente para obter ganhos de inovação, O Estado de S. Paulo defende que apenas pela cooperação com os grandes centros econômicos é que se pode obter benefícios. Observa-se, portanto, que mesmo diagnosticando o mesmo problema, os prognósticos divergem no trato do papel da América do Sul para a política industrial brasileira.

Relações Bilaterais

Brasil-Europa

Em reportagem publicada na edição do dia 5 de março, a revista *Veja* abordou o discurso da presidente brasileira, Dilma Rousseff, na VII Cúpula Brasil-Europa, em Bruxelas. De acordo com a *Veja*, a reunião tinha o objetivo de avançar as negociações para a assinatura de um acordo de livre-comércio. Porém, segundo a revista, o Brasil continua preso às amarras ideológicas do Mercosul e não consegue firmar um acordo com um parceiro comercial de maior relevância. A revista também argumentou que Argentina e Venezuela estão enfrentando crises e, conseqüentemente, levando o Brasil para o isolacionismo. Por fim, a reportagem concluiu que o Brasil perdeu a chance de



Observatório de Política Externa Brasileira

liderar a América do Sul e que os países-membros da Aliança do Pacífico tornaram-se as principais economias da região

Relações bilaterais

A Veja, como a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, defende que o Mercosul representa um atraso para a inserção do Brasil nos grandes mercados globais. Nessa reportagem, a revista adiciona o elemento da "ideologia", muito comentado pelos dois outros periódicos em outros momentos. A Veja, como O Estado de S. Paulo, reconhece que apenas há ganhos na integração em dois casos, na cooperação com economias bastante abertas para o mercado global, como a Aliança do Pacífico, e na aproximação com os grandes centros econômicos mundiais, os Estados Unidos e a Europa.

Apesar de a dificuldade em se costurar um acordo com a Mercosul-UE derivar, em certa medida, de resistências da Argentina e da crise político-econômica na Venezuela, a revista usa um tom alarmista para descrever a situação.

Brasil-Argentina

As relações entre Argentina e Brasil foram abordadas apenas por editoriais de O Estado de S. Paulo, devido à reunião bilateral entre os países, ocorrida no dia 14 de março.

Em editorial publicado no dia 14 de março, *O Estado de S. Paulo*, abordou as relações comerciais entre Brasil e Argentina e defendeu que a Argentina tem comandado o jogo comercial e que esta situação iria se repetir na reunião bilateral programada para o dia 14. O jornal argumentou que o Brasil tem aceitado sem muita resistência os entraves comerciais impostos pela Casa Rosada nos últimos dez anos e os empecilhos que o país coloca à assinatura de um acordo comercial do Mercosul com a União Europeia. O jornal criticou a posição brasileira, afirmando que o protecionismo argentino é inaceitável e que a aceitação das medidas implantadas pela Argentina significa negligência com os interesses da indústria brasileira. O jornal concluiu criticando a posição terceiro-mundista da Política Externa brasileira e afirmando que a conta da solidariedade fica sempre para o Brasil, de forma proporcional ao que o jornal nomeia de infantilidade ideológica da Política Externa.

No dia 18 de março, abordou a mesma reunião bilateral. De acordo com o periódico, a Argentina definiu o rumo das negociações e o Brasil fez o papel de bonzinho. Como resultado da reunião, teria sido decidido que o Brasil executará um programa de financiamento para os importadores de produtos brasileiros. *O Estado de S. Paulo* ponderou que tendo em vista as dificuldades da economia argentina esta medida teria sido a única fonte de promoção de um alívio ao país e que seria necessária, pois o país vizinho é um dos principais importadores da indústria brasileira. O jornal concluiu afirmando que, na falta de alternativas, a solidariedade brasileira, apesar de nunca retribuída, deverá ser o suficiente no curto prazo.



Observatório de Política Externa Brasileira

A partir da leitura dos editoriais do Estado de S. Paulo percebe-se que o jornal tem defendido de maneira veemente que o Brasil deve aproximar-se economicamente dos países desenvolvidos e que as relações com os países do América do Sul seriam menos importantes. Para o periódico, as relações com a região seriam pautadas principalmente em ideologias e o Brasil estaria se portando de maneira generosa. Entretanto, ao analisar as posturas brasileiras, nota-se que apesar de enfatizar tais relações e conceder em vários pontos, chamar o país de generoso provavelmente é um exagero. No que se refere às relações com a Argentina, por exemplo, há que se considerar que há interesses políticos na relação bilateral, pois o Brasil busca a manutenção do Mercosul, e, como o jornal aponta, o vizinho é um dos maiores importadores da indústria brasileira. Ademais, ao cooperar com a Argentina e com a América do Sul, de forma abrangente, o Brasil tem buscado internacionalizar suas empresas e aumentar seu poder de influência regional. Assim, as relações com a América do Sul não teriam motivações apenas ideológicas, mas seriam resultantes também de uma postura pragmática e de interesses políticos.

Brasil-Cuba

Em reportagem publicada na edição do dia 12 de março, a revista *Veja* abordou o programa Mais Médicos. A revista argumentou que o programa tem sido motivo de constrangimento para o Brasil, visto que mesmo após o aumento salarial oferecido pelo governo brasileiro aos médicos cubanos, estes continuam tendo um salário abaixo do esperado. Segundo a reportagem, o argumento do Ministério da Saúde brasileiro de que a relação contratual entre Brasil e Cuba foi arregimentada pela Organização Pan-americana da Saúde (Opas) foi desmentida pela própria entidade internacional. Ademais, a revista ressaltou que mesmo com o Ministério Público do Trabalho e o Superior Tribunal do Trabalho defendendo a isonomia de salários entre médicos cubanos e brasileiros, o governo do Brasil ainda não adotou uma postura para não prejudicar as relações com Cuba, a qual a revista qualifica de ditadura amiga e decadente

*A revista alega que a própria Opas, um organização internacional de saúde pública, tenha negado que arregimentou as relações entre Brasil e Cuba, refutando assim o argumento do Ministério da Saúde. Porém a *Veja* não dá mais detalhes sobre essa informação de que a Opas tenha desmentido o governo brasileiro, tampouco revela a fonte de tal informação. A imprensa brasileira vinha divulgando que o Brasil mantém contrato com a Opas para a participação de médicos cubanos no programa Mais Médicos. Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil repassa à Opas o salário de cada médico e a organização envia os recursos para Cuba que só então destina o dinheiro para os profissionais envolvidos no programa. O que ocorre é que os valores que o Brasil alega passar à Opas estão abaixo do que os médicos cubanos realmente recebem. O argumento da *Veja* é que o dinheiro brasileiro que deveria ser destinado aos médicos acaba, na verdade, ficando com o próprio governo*



Observatório de Política Externa Brasileira

cubano, por isso o programa seria uma forma de o Brasil repassa o dinheiro à Cuba. Mais uma vez, a Veja recorre ao argumento ideológico de que o Brasil teria uma simpatia pelos ideais da ilha para explicar a colaboração brasileira com o governo cubano.

Referências

- Carta Capital – Nosso Mundo: **Divórcio litigioso** – 26/03/2014.
Correio Braziliense – Opinião: **Mercosul tem de ajudar Maduro** – 11/03/2014.
Folha de S. Paulo – Opinião: **Isolado e limitado** – 31/03/2014.
O Globo – Opinião: **O Papel que a Unasul deveria ter na crise venezuelana** – 12/03/2014.
O Globo – Opinião: **Tibieza da Unasul na crise venezuelana** – 14/03/2014.
O Globo – Opinião: **Venezuela está em regime de exceção não declarado** – 27/03/2014.
O Globo – Opinião: **Novos desastres da política externa** – 29/03/2014.
O Estado de S. Paulo – Notas & Informações: **Vergonhoso apoio a Maduro** – 09/03/2014.
O Estado de S. Paulo – Notas & Informações: **Dilma degrada a diplomacia** – 13/03/2014.
O Estado de S. Paulo – Notas & Informações: **A Argentina impõe o jogo** – 14/03/2014.
O Estado de S. Paulo – Notas & Informações: **Brasileiros Bonzinhos** – 18/03/2014.
O Estado de S. Paulo – Notas & Informações: **O mau comércio da indústria** – 20/03/2014.
Veja – Brasil: **Na Venezuela pode, Dilma?** – 05/03/2014.
Veja – Internacional: **O samba da diplomacia doida** – 05/03/2014.
Veja – Brasil: **Segunda categoria** – 12/03/2014.
Veja – Carta ao leitor: **Os mártires de Caracas** – 19/03/2014.
Veja – Internacional: **Quem vai defendê-los do tirano?** – 19/03/2014.